

A TEORIA DA GESTALT

Texto adaptado de BOCK, Ana Maria. Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2004. pág. 50-57.

A PSICOLOGIA DA FORMA

A Psicologia da Gestalt é uma das tendências teóricas mais coerentes e coesas da história da Psicologia. Seus articuladores se preocuparam em construir não só uma teoria consistente, mas também uma base metodológica forte, que garantisse a consistência teórica.

Gestalt é um termo alemão de difícil tradução. O termo mais próximo em português seria forma ou configuração, que não é muito utilizado por não corresponder exatamente ao seu real significado em Psicologia.

No final do século passado muitos estudiosos procuravam compreender o fenômeno psicológico em seus aspectos naturais (principalmente no sentido da mensurabilidade). A Psicofísica estava em voga.

Ernst Mach (1838-1916), físico, e Christiam von Ehrenfels (1859-1932), filósofo e psicólogo, desenvolviam uma psicofísica com estudos sobre as sensações (o dado psicológico) de espaço-forma e tempo-forma (o dado físico) e podem ser considerados como os mais diretos antecessores da Psicologia da Gestalt.

Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka, baseados nos estudos psicofísicos que relacionaram a forma e sua percepção, construíram as bases de uma teoria eminentemente psicológica.

Eles iniciaram seus estudos pela percepção e sensação do movimento. Os Gestaltistas estavam preocupados em compreender quais os processos psicológicos envolvidos na ilusão de ótica, quando o estímulo físico é percebido pelo sujeito com uma forma diferente do que ele é na realidade.

É o caso do cinema. Uma fita cinematográfica é composta de fotogramas com imagens estáticas. O movimento que vemos na tela é uma ilusão de ótica causada pelo fenômeno da pós-imagem retiniana (qualquer imagem que vemos demora um pouco para se 'apagar' em nossa retina). As imagens vão se sobrepondo em nossa retina e o que percebemos é um movimento. Mas o que de fato é projetado na tela é uma fotografia estática, tal como uma seqüência de slides.

A PERCEPÇÃO

A percepção é o ponto de partida e um dos temas centrais dessa teoria. Os experimentos com a percepção levaram os gestaltistas ao questionamento da psicologia associacionista.

O Behaviorismo, dentro de sua preocupação com a objetividade, estuda o comportamento através da relação estímulo-resposta, procurando isolar um estímulo **unitário** que corresponderia à uma dada resposta e desprezando os conteúdos da consciência, pela impossibilidade de controlar cientificamente essas variáveis.

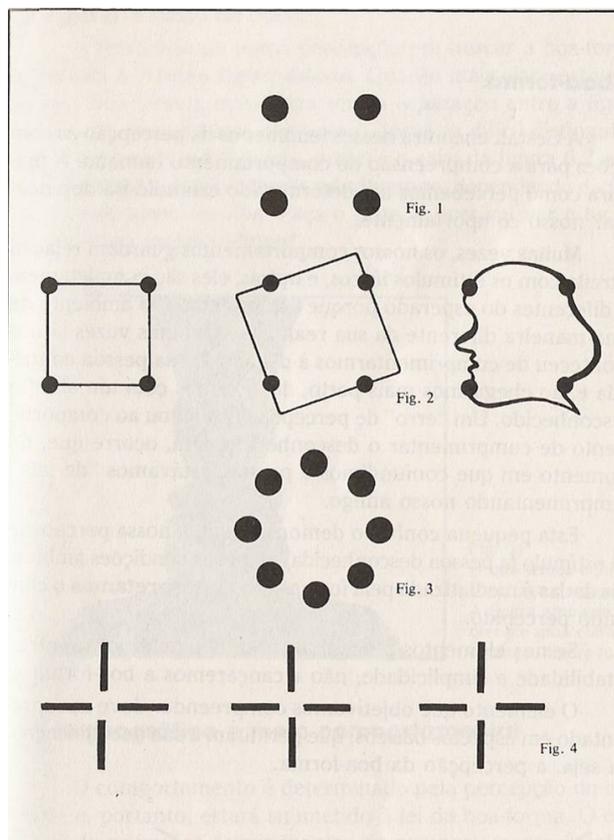
A Gestalt entende que é de suma importância a disposição em que são apresentados à percepção os elementos unitários que compõem o todo. Uma de suas formulações bastante conhecidas é a de que "o todo é diferente da **soma** das partes". Ou seja, a percepção que temos de um todo não é o resultado de um processo de simples adição das partes que o compõem.

A indissociabilidade da parte em relação ao todo permite que quando vemos o fragmento de um objeto ocorra uma tendência à restauração do equilíbrio da forma, proporcionando assim o entendimento do que foi percebido.

Esse fenômeno perceptivo é norteado pela busca de **fechamento, simetria e regularidade** dos pontos que compõem uma figura (objeto).

Rudolf Arnheim¹ dá um bom exemplo da tendência à restauração do equilíbrio na relação parte-todo: "De que modo o sentido da visão se apodera da forma? Nenhuma pessoa dotada de um sistema nervoso normal apreende a forma alinhando os retalhos da cópia de suas partes (...) o sentido normal da visão apreende sempre um padrão global".

Os fenômenos perceptivos que encontramos nas figuras abaixo são explicados pelos psicólogos da Gestalt como sendo regidos pela lei básica da percepção visual: *qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante é tão simples quanto as condições dadas permitem.*



1 Arnheim, R. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira e EDUSP, 1980.

Percebemos a figura 1 como um quadrado e não como uma figura inclinada ou um perfil (fig. 2) apesar dessas últimas também conterem os quatro pontos. Se forem acrescentados mais quatro pontos à figura 1, o padrão mudará e então perceberemos um círculo (fig. 3). Na figura 4 é possível ver círculos ou quadrados brancos no centros dos traços em forma de cruz, mesmo não havendo vestígios de seus contornos.

A BOA-FORMA

A partir desses fenômenos da percepção a Gestalt procura explicar como chegamos a compreender aquilo que percebemos. Se os elementos percebidos não apresentam **equilíbrio, simetria, estabilidade, simplicidade e regularidade**, não será possível alcançar a boa-forma.

O elemento que objetivamos compreender deve ser apresentado em seus aspectos básicos, de tal maneira que a tendência à boa-forma conduza ao entendimento. Essa formulação representa uma das conseqüências pedagógicas da psicologia da Gestalt.

O exemplo da figura 5 ilustra a noção de boa-forma. Temos a convicção de que o segmento de reta **a** é maior que o segmento de reta **b**, mas a realidade é que ambos têm o mesmo comprimento, e portanto estamos diante de uma ilusão de ótica provocada por um efeito de campo.

Para tirar qualquer dúvida você pode medir as retas ou desenhar inicialmente duas retas paralelas com o mesmo comprimento e posteriormente acrescentar os demais traços que constituem a figura. Faça o teste! É importante destacar que depois de nos certificarmos de que se trata de uma ilusão, mesmo assim continuamos sendo iludidos.

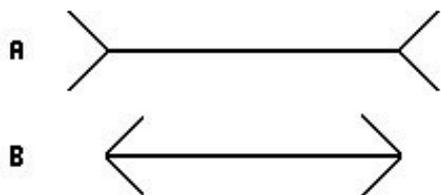


FIG.5

A maneira como estão distribuídos os elementos que compõem as duas figuras não resultam em uma configuração com **equilíbrio, simetria, estabilidade, regularidade e simplicidade** suficientes para garantir a boa-forma. Ou seja, nesse caso as leis que comandam o funcionamento da percepção nos impedem de perceber a realidade tal qual ela é. Em outros casos, mais favoráveis, são essas mesmas leis perceptivas que nos permitem compreender a realidade. A tendência da percepção em buscar a boa-forma permitirá a relação **figura-fundo**. Quanto mais clara estiver a forma (boa-forma), mais clara será a separação entre figura e fundo. Quando isso não ocorre, torna-se difícil distinguir o que é figura e o que é fundo, como é o caso da figura 6. Nessa figura ambígua o que é figura em um momento torna-se fundo quando logo a seguir centramos o foco da percepção no outro aspecto. É importante destacar que não é possível ver a taça e os perfis ao mesmo tempo.



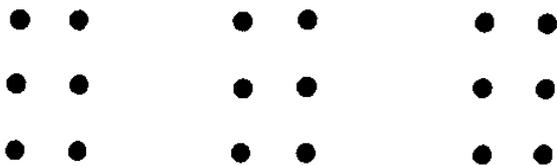
Fig.6

CAMPO PSICOLÓGICO

O campo psicológico é entendido como um campo de forças que atua na percepção, nos levando a procurar a boa-forma. Figurativamente podemos relacioná-lo a um campo magnético criado por um imã (a força de atração e repulsão). Esse campo de força psicológico tem uma tendência que garante a busca da melhor forma possível em situações que não estão muito estruturadas.

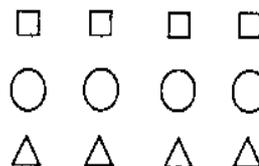
Esse processo ocorre de acordo com os seguintes princípios:

1. **Proximidade** — os elementos mais próximos tendem a ser agrupados:



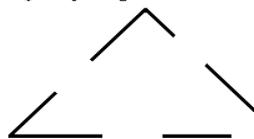
Vemos três colunas e não três linhas na figura.

2. **Semelhança** — os elementos semelhantes são agrupados:



Vemos três linhas e não quatro colunas.

3. **Fechamento** — ocorre uma tendência de completar os elementos faltantes da figura para garantir sua compreensão:



Vemos um triângulo e não alguns traços.

INSIGHT

A psicologia da Gestalt entende a aprendizagem como uma decorrência da forma como as partes estão organizadas no todo. As teorias associacionistas entendem que a aprendizagem ocorre através da associação de elementos que anteriormente estavam

isolados e assim, por um processo aditivo, passa-se de um conhecimento simples a um complexo.

Os métodos de alfabetização podem nos auxiliar a pensar algumas questões relativas a diferentes maneiras de conceber a aprendizagem. Os chamados métodos sintéticos entendem que deve-se inicialmente ensinar a criança a nomear, grafar e reproduzir o valor sonoro de todas as letras (elementos mais simples) e, depois disso, ela estará apta a associar as letras entre si para formar sílabas. Na seqüência ela associará sílabas entre si para formar palavras e finalmente formará orações. Os chamados métodos analíticos seguem um caminho exatamente oposto pois primeiramente é apresentado o todo (palavra, frase ou texto), enquanto unidade de significação, e somente após partem para o exame das partes e das relações que elas mantêm entre si para formarem esse todo.

Quanto à questão do insight, podemos dizer que nem sempre as situações vividas por nós apresentam-se de forma clara que permitam uma compreensão imediata. Essas situações dificultam a aprendizagem porque não permitem uma definição da figura-fundo, impedindo a relação parte-todo.

Acontece, às vezes, de estarmos olhando uma figura ou estarmos pensando em algo que nos parece bastante obscuro e, **de repente**, sem que tenhamos tido qualquer processo de compreensão aditivo (somando as partes mais simples), a relação figura-fundo elucidada-se.

A esse fenômeno é dado o nome de **insight**. O termo designa uma compreensão imediata e súbita.

FIM

A INTELIGÊNCIA E A PERCEPÇÃO

Fragmentos do capítulo 3 de: **PIAGET, Jean. Psicologia da inteligência. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958. pág. 83-92**

A percepção é o conhecimento que temos dos objetos ou dos movimentos por contato direto e atual. (...)

Segundo a Gestalt, as estruturas intelectuais preexistem no todo ou em parte, desde o primeiro momento, sob a forma de organizações comuns à percepção e ao pensamento. Essa teoria descreve as leis da estruturação do conjunto que regem tanto a percepção, a motricidade e as funções elementares, como o próprio raciocínio e, particularmente, o silogismo (Wertheimer). (...)

A hipótese de uma relação estrita entre a percepção e a inteligência foi sustentada, em todos os tempos, por alguns e rejeitada por outros. Somente no século passado os autores iniciaram a buscar apoio experimental para suas teses, sendo que anteriormente inúmeros filósofos *refletiram* sobre esta questão. (...)

Hering (respondendo a Helmholtz) afirmava que a intervenção do conhecimento intelectual em nada modificava uma percepção. Experimentamos a mesma ilusão de ótica mesmo depois de conhecer os valores objetivos dos dados percebidos. Assim concluía que o raciocínio não intervém na percepção. (...)

Von Ehrenfels descobriu, em 1891, as qualidades perceptivas do conjunto, tais como a de certa melodia que se reconhece, embora uma transposição modifique todas as notas (não podendo nenhuma sensação elementar permanecer a mesma). (...)

Podemos esperar, segundo a escola de Berlim, uma explicação acerca da inteligência a partir das estruturas perceptivas, ao invés de fazer intervir, de maneira incompreensível, o raciocínio na percepção como tal. (...)

A teoria da forma renovou a posição de um grande número de problemas e sobretudo forneceu uma teoria completa sobre a inteligência que permanecerá, mesmo para os seus adversários, um modelo de interpretação psicológica coerente.

A idéia central da *teoria da forma* afirma que os sistemas mentais jamais se constituem pela síntese ou pela associação de elementos, dados em estado isolado, antes de sua reunião, mas consistem sempre em totalidades organizadas, desde o início, sob uma *forma* ou estrutura de conjunto. Assim, uma percepção não é mais síntese das sensações prévias: ela é regida em todos os níveis por um *campo*, cujos elementos são interdependentes pelo mesmo fato de serem percebidos em conjunto. Um só ponto negro, por exemplo, visto numa grande folha de papel, não seria percebido como elemento isolado, embora único, conquanto se destaque como caráter de *figura* sobre um *fundo* constituído pelo papel, e pelo fato de que esta relação, figura x fundo, supõe a organização do campo visual inteiro. Isto é tanto mais certo quando, a rigor, poderíamos ter visto a folha, como o objeto (a *figura*) e o ponto negro, como um buraco, isto é, como a única parte visível do *fundo*. Por que então preferimos o primeiro modo de percepção? E por que se em vez de um ponto, víssemos três ou quatro bem próximos, não poderíamos reuni-los em forma virtual de triângulos ou quadriláteros? Porque os elementos percebidos em um mesmo campo são, imediatamente, ligados em estruturas de conjunto, obedecendo a leis precisas, que são as *leis de organização*.

Estas leis de organização que regem todas as relações de um campo são, na hipótese gestaltista, apenas leis de equilíbrio, regendo, ao mesmo tempo, as correntes nervosas, determinadas pelo contato psíquico com os objetos exteriores, e pelos próprios objetos, reunidos num circuito total, abarcando, pois, simultaneamente, o organismo e seu meio próximo. Assim, deste ponto de vista um *campo* perceptivo (ou motor, etc.) é comparável a um campo de forças (eletromagnéticas, etc.) e é regido por princípios análogos de *mínimum*, de mínima ação etc. Em presença de múltiplos elementos imprimimos-lhe, então, uma forma de conjunto que não é uma forma qualquer, mas a mais simples possível que exprime a estrutura de campo; serão pois as regras de simplicidade, de regularidade, de simetria, de proximidade etc. as que determinarão a forma percebida. Daí uma lei essencial chamada de *prehenção* de todas as formas possíveis, a que se impõe é sempre *melhor*, a melhor equilibrada. Demais, uma *boa-forma* é sempre suscetível de ser *transposta*, exatamente como a melodia, da qual mudamos todas as notas. Mas esta transposição, que demonstra a independência do todo em relação às partes, explica-se também pelas leis de equilíbrio: as relações são as mesmas entre os novos elementos que terminam na mesma forma de conjunto que as relações entre elementos anteriores, não graças a um ato de comparação, mas a uma reformação do equilíbrio, exatamente como a água de um canal, que recobra a mesma forma horizontal, mas em níveis diferentes, depois da abertura de cada comporta. A caracterização dessas *boas-formas*, bem como o estudo dessas *transposições*, provocaram inúmeros trabalhos experimentais, de verdadeiro interesse.

O que se deve notar, antes de tudo, como essencial à teoria, é que as *leis de organização* são concebidas como independentes do desenvolvimento, e, por conseguinte, comuns a qualquer nível. Fácil é de perceber esta afirmação, se a limitarmos à organização funcional ou equilíbrio *sincrônico* dos comportamentos, pois a necessidade desse último rege os níveis em qualquer grau. (...) Assim é que os psicólogos da Forma se esforçaram, acumulando impressionante material, para mostrar que as estruturas perceptivas são as mesmas na criança e no adulto e, sobretudo, nos vertebrados de qualquer categoria. (...)

Três aplicações da teoria da forma ao estudo da inteligência devem ser especialmente consideradas: a de Köhler, sobre a inteligência sensório-motora, a de Wertheimer, sobre a estrutura do silogismo, e a de Duncker sobre o ato da inteligência em geral.

Para Köhler a inteligência aparece quando a percepção não se prolonga diretamente em movimentos suscetíveis de assegurar a conquista do objetivo. Um chimpanzé, na sua jaula, procura alcançar uma fruta que se encontra fora do alcance de sua mão; um objeto intermediário é então necessário, e o seu emprego definirá a complicação própria da ação inteligente. Em que consiste esta última? Se um bastão for posto à disposição do símio, mas numa posição qualquer, será visto como um objeto indiferente. Colocado paralelamente ao braço poderá ser subitamente percebido como possível prolongamento da mão. Até então sem significação, o bastão passa a tê-la, pelo fato de sua incorporação na estrutura do conjunto. O campo, pois, passará a ser *reestruturado* e essas súbitas reestruturações caracterizam, segundo Köhler, o ato da inteligência: a passagem de uma estrutura pior para uma melhor constitui a essência da compreensão, simples continuação, conseqüentemente, mas mediata ou indireta da própria percepção.

Este mesmo princípio explicativo encontramos em Wertheimer, na sua interpretação gestaltista do silogismo. A premissa maior é uma forma comparável a uma estrutura perceptiva. *Todos os homens* constitui um conjunto que se representa centrado no interior do conjunto de *mortais*. A premissa menor procede do mesmo modo: *Sócrates* é um indivíduo centrado no círculo de *homens*. A operação que tirará de tais premissas a conclusão: portanto, Sócrates é mortal, vem, conseqüentemente, apenas estruturar o conjunto, fazendo desaparecer o círculo intermediário (homens), depois de tê-lo situado com seu conteúdo no grande círculo (os mortais). O raciocínio é pois uma recentração: Sócrates é como descentrado da classe de homens para tornar a recentrar-se na classe dos mortais. O silogismo depende assim da organização geral das estruturas. (...)

Finalmente, Duncker estuda as relações dessas compreensões bruscas (Einsicht, Insight ou reestruturação inteligente) com a experiência, para dar o tiro de misericórdia no empirismo associacionista, que a noção de Gestalt contradiz desde o princípio. Ao analisar os diversos problemas da inteligência ele conclui que em todos os domínios a experiência adquirida desempenha um papel somente secundário no raciocínio. A experiência não tem significação para o pensamento, senão em função da organização atual. A estrutura do campo presente determina os possíveis apelos às experiências passadas, ora tornando-as inúteis, ora disciplinando uma evocação e uma utilização das recordações. O raciocínio é, assim, *um combate que forja suas próprias armas*, e tudo se explica por leis de organização, independentes da história do indivíduo, assegurando, no total, uma unidade profunda das estruturas do todo nível, desde as *formas* perceptivas elementares as suas mais altas formas de pensamento. (...)

UFRGS - FACED - Psicologia da Educação I - Professor Paulo Francisco Slomp - slomp@ufrgs.br
<http://www.ufrgs.br/psicoeduc>

* Observe que os fragmentos acima foram selecionados de maneira a fornecer apenas uma descrição da psicologia da Gestalt. Para uma maior compreensão crítica remetemos o leitor ao texto fonte e também ao artigo de Piaget "O que subsiste da teoria da Gestalt". In *Problemas de Psicologia Genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)
